

DIVERSIDADE DE PLANTAS UTILIZADAS EM UM XAROPE MEDICINAL DESDE O SÉCULO XIX NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO REMANSO, PANTANAL DOS MARIMBUS, LENÇÓIS – BA

Marcio Harrison dos Santos Ferreira¹

¹Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA); Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGBot-UEFS); Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Lavouras Xerófilas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano); Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE), Feira de Santana – BA. E-mail: marcio.harrison@gmail.com

Resumo: O objetivo do presente estudo foi listar as espécies e as partes utilizadas como recursos medicinais no preparo de um xarope por mulheres da comunidade Quilombola de Remanso, Pantanal dos Marimbus, Lençóis, BA. O estudo foi desenvolvido em outubro de 2014 e junho de 2015, utilizando-se entrevistas semiestruturadas, turnê guiada, observação direta e participante e a técnica da bola-de-neve (snowball). Para o preparo do xarope, são utilizadas as folhas de alecrim da horta (*Rosmarinus officinalis*), alecrim do campo (*Baccharis* sp.), hortelã miúdo (*Mentha piperita* var. *balsamea*), hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus*), manjerição (*Ocimum basilicum*), arruda (*Ruta graveolens*), algodão (*Gossypium herbaceum*) e camará (*Lantana camara*); casca de canela (*Cinnamomum zeylanicum*), pau-ferro (*Libidibia ferrea*), angico verdadeiro (*Anadenanthera colubrina*) e umburana (*Commiphora leptophloeos*); flor do camará (*Lantana camara*); e sementes de noz-moscada (*Myristica fragrans*), pixurí (*Licaria puchury-major*), erva-doce (*Foeniculum vulgare*) e cravo (*Dianthus caryophyllus*), além de mel de abelha “italiana” (*Apis mellifera*). Para o preparo, o material botânico é lavado e submetido à fervura, após o que é coado, misturado ao mel e levado novamente à fervura. O xarope é utilizado para a prevenção e tratamento de diversas patologias, principalmente gripes, resfriados, pneumonias, dor de cabeça, além de ser considerado “fortificante”. Esse preparo tem sido utilizado na medicina popular do quilombo desde a segunda metade do Século XIX, mas infelizmente observa-se seu crescente desuso e desinteresse da juventude pelas plantas medicinais.

Palavras-Chave: etnobotânica, quilombolas, plantas medicinais, semiárido.

Abstract: (Medicinal plant diversity of a syrup used since the nineteenth century in the marrons community of Remanso, Wetland of Marimbus, Lençóis – Bahia, Brazil) The aim of this study was to list the species and parts used as medicinal resources to prepare a syrup of Quilombola community Remanso, Lençóis, BA, Brazil. The study was conducted in October 2014 and June 2015, using semi-structured interviews, guided tour, direct observation, participant observation, and snowball thecnic. The composition of syrup includes the leaves of *Rosmarinus officinalis*, *Baccharis* sp., *Mentha piperita* var. *balsamea*, *Plectranthus amboinicus*, *Ocimum basilicum*, *Ruta graveolens*, *Gossypium herbaceum*, and *Lantana camara*; cinnamon bark-canela (*Cinnamomum zeylanicum*), ironwood-pau-ferro (*Libidibia ferrea*), true “angico” (*Anadenanthera colubrina*) and umburana (*Commiphora leptophloeos*); flowers of “camara” (*Lantana camara*); seeds of *Myristica fragrans*, *Licaria puchury-major*, *Foeniculum vulgare*, and *Dianthus caryophyllus*; and “Italian” honey bee (*Apis mellifera*). For the preparation, the botanical material is washed and subjected to the boil, after which it is brewed, blended with honey and taken back to the boil. The syrup is used for the prevention and treatment of various diseases, mainly colds, flu, pneumonia, headache, besides being “fortifier”. This preparation has been used in folk medicine since the quilombo the second half of the nineteenth century. However, unfortunately we observe their growing disuse and disinterest of youth by medicinal plants.

Keywords: ethnobotany, marrons, medicinal plants, semi-arid, wetlands.

Introdução

O uso de plantas medicinais tem sido amplamente estudado em diferentes comunidades tradicionais. Entretanto, formas alternativas de uso, como os xaropes e “lambedores” são relativamente pouco registradas na literatura. Para melhor contextualizar o Quilombo do Remanso, é importante entender brevemente o contexto da Chapada Diamantina e sua vocação para exploração do ouro e pedras preciosas. Antes do século XVII a região era pouco povoada, e havia uma concentração grande de índios, principalmente Carirís e Maracás. As fazendas tinham como atividade principal a agropecuária e a mineração clandestina de ouro, liberada em 1720, após o que ricos comerciantes da capital baiana e senhores de engenho chegam a Chapada carregando seus escravos (CASTRO, 2012). Os negros que chegaram na região como escravos acabavam muitas vezes por oferecer resistência aos maus tratos e fugiam embrenhando-se na mata, sobretudo próximo aos rios, formando grupos organizados com denominações diferentes, como o Palenque e o Cumbe, na América Espanhola e, no Brasil, o Quilombo.

Nesse cenário surge a fundação do Remanso pelo Sr. Manoelzinho, às margens do Pantanal dos Marimbus. Esse auto intitulado “remanescente de quilombo” até pouco tempo parecia se “esconder” do mundo para poder vivenciar suas crenças, símbolos e representações (CASTRO, 2012), o que em grande medida deve ter contribuído para a manutenção de algumas tradições de uso, como o xarope aqui estudado. Por exemplo, ainda hoje algumas casas são cobertas com palha de licurioba, licuri ou papiro, assim como eram no século XIX, quando da fundação do Quilombo. Aqui, o referido xarope será apresentado enquanto parte da memória e do patrimônio biocultural (sensu TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015) do Quilombo do Remanso.

O presente relato de experiência é fruto de um estudo etnobotânico abrangente com plantas medicinais utilizadas em três comunidades quilombolas do Pantanal dos Marimbus. O estudo do xarope tonificante utilizado desde o século XIX foi feito junto aos moradores da comunidade quilombola do Remanso, município de Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia, uma área que foi reconhecida como "remanescente das comunidades quilombolas" em 2004. Objetiva-se listar as espécies e as partes utilizadas como recursos medicinais no preparo de um xarope por mulheres da comunidade, além de descrever a forma de preparo do mesmo.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido em dois momentos durante uma pesquisa mais abrangente para o levantamento das plantas medicinais utilizadas em três comunidades quilombolas do Pantanal do Marimbus (coordenadas geográficas: 12°39'13,51" - 12°46'48,88"S e 41°17'0,4" - 41°21'25"W), uma área de 11.103 hectares e clima que oscila de sub-úmido a seco, com temperatura média anual de 24,2°C e 1.049 mm de chuva, na Chapada Diamantina, Bahia. A coleta de dados transcorreu no mês de outubro de 2014, durante excursão e trabalho de campo no âmbito da disciplina de Sistemática Vegetal do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), *Campus* Santa Inês (Turma 2012.2), e durante a segunda semana de junho de 2015. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, turnê guiada e observação direta/participante, além da técnica da bola de neve, onde os participantes sugerem outros participantes para serem entrevistados (WEISS, 1994), para aferir os(as) informantes-chave a respeito do referido xarope. O material botânico foi herborizado e identificado por comparação com exsiccatas e consulta a especialistas e foi depositado na coleção do Laboratório de Biologia do *Campus* Santa Inês. Os dados foram socializados durante a I Semana de Biologia do *Campus* Santa Inês do IF Baiano, no âmbito da disciplina de Sistemática Vegetal (Turma 2012.2). Em junho de 2015, também ocorreu uma roda de diálogo na comunidade para apresentação do trabalho e discussão da importância e alcance dos resultados preliminares, com o planejamento de ações em educação ambiental na escola quilombola da comunidade, contemplando as plantas medicinais do Pantanal dos Marimbus e a importância da conservação dos recursos naturais e tradições, como a do uso do xarope, atividades que estão em curso.

Resultados e Discussão

Utilizando a técnica da bola de neve (WEISS, 1994), os(as) 13 quilombolas inicialmente entrevistados(as), seis homens e sete mulheres, com idade variando de 32 à 89 anos e baixo nível de escolarização, indicaram como informante-chave uma moradora de 81 anos (Dona J.). Segundo os informantes, Dona J. seria a pessoa da comunidade mais indicada para o participar do estudo etnobotânico do tradicional xarope de plantas medicinais do Remanso, uma relíquia de quase 150 anos. Segundo relatos dos moradores, a população do Remanso era predominantemente católica,

com destaque pela devoção a São Francisco das Chagas, padroeiro local, apesar de que muitos batiam o Jarê:

“...um tipo de candomblé rural bastante sincrético que se desenvolveu na Chapada Diamantina (Bahia). As principais atividades terapêuticas realizadas em um terreiro de Jarê são as revistas e o trabalho. [...] O trabalho (ritual de cura) representa, em larga medida, a resolução pública da história construída no contexto privado da revista. Na cosmologia do Jarê, cura é um estado de constante negociação com o meio-ambiente; uma posição a ser mantida pelo indivíduo em um mundo de surpresas e ameaças, onde interagem continuamente pessoas, coisas e espíritos sob os quais os seres humanos não podem exercer total controle” (ALVES e RABELO, 2009).

A autoridade máxima no Jarê fica concentrada em mãos masculinas e esses homens são denominados curadores (CASTRO, 2012). Ocorre que no Remanso este poder estava concentrado nas mãos do Sr. Manoelzinho, a quem todos respeitavam como conhecedor das ervas e da cura. Com a sua morte, em 2005, o quilombo perdeu essa “autoridade”, mas a medicina tradicional do Sr. Manoelzinho de certa forma manteve-se até hoje por conta da transmissão oral dos saberes e tradições. Nossa informante-chave, a Dona J., afirmava ser essa a principal “fortaleza” dos moradores do Remanso em questões do tratamento de doenças. Isso por conta das grandes distâncias para as cidades mais próximas, a falta de água encanada e luz elétrica (que chegou em 2002), o que contribuiu para fortalecer a importância da transmissão oral, seus saberes, suas raízes e sua história, que eram resguardadas nas rodas de conversas com os vizinhos. Em uma tarde de outubro de 2014, transcorreu uma de nossas observações participantes do preparo do xarope por Dona J, em sua residência às margens do Pantanal do Marimbus (FIGURA 1).

Figura 1. Registros de uma observação participante durante estudo etnobotânico do tradicional



(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

xarope de plantas medicinais da comunidade quilombola do Remanso, Lençóis – BA, em outubro de 2014.

Destaca-se o valor didático desses momentos, ao valorizar o multiculturalismo, a interculturalidade e a troca/diálogo de saberes (acadêmicos e locais), além da importância da valorização dos etnoconhecimentos e dos espaços não-formais para o processo de ensino-aprendizagem, sobretudo em disciplinas consideradas mais “duras” pelos discentes, como é o caso da Sistemática Vegetal.

Na confecção do xarope são utilizadas as folhas de alecrim da horta (*Rosmarinus officinalis* L., Lamiaceae), alecrim do campo (*Baccharis* sp., Asteraceae), hortelã miúdo (*Mentha* cf. *pipperita* var. *balsamea* (Willd.) Rouy, Lamiaceae), hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng., Lamiaceae), manjerição (*Ocimum basilicum* L., Lamiaceae), arruda (*Ruta graveolens* L., Rutaceae), algodão (*Gossypium herbaceum* L., Malvaceae) e camará (*Lantana camara* L., Verbenaceae); casca de canela (*Cinnamomum zeylanicum* Blume, Lauraceae), pau-ferro (*Libidibia ferrea* (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz, Fabaceae), angico verdadeiro (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan, Fabaceae) e umburana (*Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B. Gillet, Burseraceae); flor do camará (*Lantana camara* L., Verbenaceae); e sementes de noz-moscada (*Myristica fragrans* Houtt., Myristicaceae), pixurí (*Licaria puchury-major* (Mart.) Kosterm., Lauraceae), erva-doce (*Foeniculum vulgare* Mill., Apiaceae) e cravo (*Dianthus caryophyllus* L., Caryophyllaceae), além de mel de abelha “italiana” (*Apis mellifera*, Apidae) produzido na própria comunidade (FIGURA 2).



Figura 2. Diversidade das plantas medicinais listadas no estudo etnobotânico do tradicional xarope de plantas medicinais da comunidade quilombola do Remanso, Lençóis – BA.

Para o preparo, todo o material botânico é lavado e submetido à fervura conjuntamente (exceto o pixurí e a noz-moscada), após o que é coado, misturado ao mel e levado novamente à fervura, até atingir um ponto de consistência definido como “ótimo” pelas informantes. Finalmente, adiciona-se pixurí e noz-moscada ralados. O xarope é utilizado para a prevenção e tratamento de diversas patologias, como gripes e resfriados, pneumonias, dor de cabeça, além de ser considerado “fortificante”(=tonificante). Esse preparo tem sido utilizado na medicina popular do quilombo desde a segunda metade do Século XIX, embora na atualidade apenas a Dona J. continua realizando essa prática. Ressalva-se, ainda, que conhecimentos e práticas como essas atualmente estão sendo discutidas, valorizadas e utilizadas na escola quilombola da comunidade.

Conclusão

Apesar de ainda fazer parte de uma tradição quilombola secular, e ser utilizado para o tratamento de inúmeras patologias, esse xarope infelizmente encontra-se em crescente desuso pela comunidade e verifica-se, no geral, um desinteresse da juventude pelas plantas medicinais. São informações importantes para a adoção de medidas de conservação e um plano de manejo dos recursos naturais, incluindo-se as áreas quilombolas do Pantanal dos Marimbus. Aproveito para agradecer à toda a comunidade do Remanso pela acolhida e facilitações ao nosso estudo, especialmente à Dona J., nossa informante-chave, detentora dos saberes ancestrais de cura do saudoso “Seu Manezinho”. À equipe do “Grãos de Luz e Griô” pelo apoio logístico durante os translados e estada no Remanso. À Profa. Marisela Pi Rocha, por oportunizar os momentos de interdisciplinaridade da referida viagem

técnica. Ao IF Baiano, pelo suporte financeiro, e às discentes Ilneide Braz Santos de Jesus, Maricleide dos Santos Costa, Lays Jessant, Geisa Sousa Pereira Santos e Hilda Barbosa dos Santos pela colaboração na coleta de dados.

Referências Bibliográficas

ALVES, P. C.; RABELO, M. C. O Jarê: religião e terapia no candomblé de caboclo. In: **Anais do V Enecult, Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador, 2009. Salvador: UFBA, 2009.

CASTRO, H. H. R. **As tramas entre o global e o local na realidade quilombola: um reflexo da modernidade**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista. São Paulo: Universidade Paulista, 2012. 106 p.

WEISS, R. S. **Learning from stranger: the art and method of qualitative interview studies**. New York: The Free Press, 1994.

TOLEDO, M. V.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.